

## RESENHA

### RUMO A UM NOVO INTERNACIONALISMO?

*Silver, Beverly J. Forças do trabalho: movimentos de trabalhadores e globalização desde 1870. Trad. de Fabrizio Rigout. São Paulo, Boitempo, 2005, 240p.*

MANOEL NASCIMENTO\*

O que leva um livro a ganhar o *Distinguished Scholarly Publication Award 2005* da American Sociological Association e, ao mesmo tempo, unir num só assanhamento os acadêmicos da Universidade de São Paulo (USP), a extrema-esquerda européia da revista *Prol Position* ([www.prol-position.net](http://www.prol-position.net)), o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), a **New Left Review**, Emir Sader, a Coordenação de Centrais Sindicais do Cone Sul (CCSCS), a editoria de investimentos da revista **Valor** e o grupo operáista alemão *WildCAT* ([www.wildcat-www.de](http://www.wildcat-www.de)), que inclusive traduziu o livro na Alemanha? Algo simples: como se verá, **Forças do trabalho**, de Beverly J. Silver, professora do Departamento de Sociologia da John Hopkins University, é, a primeira vista, um excelente livro de sociologia do trabalho, mas, em suas camadas mais profundas, reside ao mesmo tempo num manifesto político e uma provocação aos intelectuais e acadêmicos ligados aos movimentos sociais – aqueles mesmos que, em outra época, seriam chamados *movimentos revolucionários*.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar, como faz a própria autora, que se trata de uma iniciativa pioneira. Reconhecendo que a tendência ao consenso na ciência social a respeito da crise dos movimentos operários se dava com base na extrapolação para níveis mundiais de conclusões obtidas a partir de dados restritos à América do Norte e à Europa Ocidental (p. 19), Beverly Silver tomou como “premissa básica” do livro que “uma compreensão integral da dinâmica dos movimentos de trabalhadores contemporâneos requer que estendamos nossa análise a uma dimensão histórico-espacial mais ampla do que se costuma fazer”.

Daí a criação, nos anos 1980, do World Labour Group (WLG) dentro do Fernand Braudel Center da Universidade de Birminghamton, junto com Giovanni Arrighi, Mark Beittel, John Casparis, Jamie Fariciella Dangler, Melvyn Dubofsky, Roberto Patricio Korzeniewicz, Donald Quataert e Mark Selden. Em grande parte, **Forças do trabalho** é uma espécie de “cartão de visitas” do WLG, demonstrando as possibilidades de pesquisa abertas pela sua base de dados. O grupo – que em bom português se chamaria “Grupo sobre Trabalho Mundial”, mas cujo nome o tradutor preferiu deixar no original – reconhecia que, “para o estudo sério de movimentos operários a partir de uma perspectiva global e histórica, seriam necessários novos tipos de dados que simplesmente não estavam disponíveis nas compilações existentes” (p.15).

O WLG compilou dados sobre diversas formas de agitação de trabalhadores acontecidas entre 1870 e 1996 – 126 anos de história! – com um conceito

bastante amplo de agitação “trabalhista” (como saiu na tradução): lutas contra a mercantilização no local de trabalho ou no mercado de trabalho, levadas a cabo por trabalhadores integralmente proletarizados sem perspectiva de fugir à proletarização ou por trabalhadores recente ou parcialmente proletarizados em luta para escapar à proletarização. Seus objetos podem ser o empregador ou o Estado, e suas formas são a resistência ao prolongamento, à intensificação e à degradação do trabalho no local de produção; resistência aos salários baixos, ou decrescentes, e ao desemprego em massa no mercado de trabalho; resistência à proletarização forçada e à destruição de modos de vida habituais, seja pelo uso direto da violência, seja pela destruição das alternativas ao trabalho assalariado (p. 174-175).

Foram incluídos, sempre “quando se mostram práticas coletivas e generalizadas” (p. 176), tanto atos de luta aberta, como greves e luta armada, quanto de luta velada, tais como deserção, saída da comunidade ou revolta para fugir à proletarização, sabotagem, negociação de tarefas, tempo e eficiência. Dentro de determinados contextos bastante específicos e restritos, atos não originalmente “trabalhistas”, como atos religiosos (como os oriundos de redes de trabalhadores na Polônia e no Brasil dos anos 1970/1980) e surtos de alcoolismo (como na União Soviética dos anos 1970), foram incluídos como práticas de resistência dos trabalhadores.

Estes dados foram coletados a partir de duas fontes básicas: os jornais **The Times**, de Londres, e **The New York Times**, de Nova Iorque, “os principais jornais das duas potências hegemônicas dos séculos XIX e XX” (p. 180), característica particular que os leva a ser jornais que “tiveram capacidade de coletar informações em nível mundial durante todo o século XX” (p. 181). A base de dados, assim como o projeto de coleta, “não pretende analisar todas as formas de ação coletiva dos trabalhadores” (p. 46), não foram concebidos para “produzir uma contagem de *todos ou mesmo da maioria dos incidentes* de agitação trabalhista ocorridos no mundo, no século passado” (p. 184), mas, sim, para “produzir uma medida que indicasse de modo confiável *mudanças nos níveis* de agitação trabalhista” (p. 184), com foco nos “períodos de insatisfação operária mais intensa” (p. 46), pois “essas grandes ondas de insatisfação trabalhista, ao contrário das formas de protesto mais institucionalizadas, pressionam Estados e capitalistas a promover inovações e são, portanto, as formas de protesto operário mais relevantes para se compreender períodos de transformação dramática no sistema capitalista mundial” (p. 46).

Foram feitos estudos de confiabilidade dos dados através da comparação do perfil temporal das manifestações de trabalhadores encontrado através do WLG com a produção acadêmica sobre a história do trabalho e outras fontes estatísticas e, “embora a base de dados do WLG, como todas as fontes, deva ser usada com o cuidado necessário, ela provou ser uma fonte bastante confiável de identificação dos padrões mundial de agitação trabalhista” (p. 186). Chegou-se a um total de 91.947 menções de protestos de trabalhadores em 168 países, ao longo de 126 anos.

Somos apresentados em seguida às diversas *fontes de poder* dos

trabalhadores e às *soluções* encontradas pelos capitalistas para miná-lo. Tendo como base um estudo de Erik Olin Wright sobre o poder da classe trabalhadora, interesses da classe capitalista e compromissos de classe, Beverly Silver apresenta duas fontes de poder dos trabalhadores: a *associação* – ou seja, as “várias formas de poder que emanam da organização coletiva dos trabalhadores’ (em especial sindicatos e partidos)” – e a *estrutura* – ou seja, o “poder conferido aos trabalhadores ‘apenas em virtude de sua posição (...) no sistema econômico” (p. 29), que lhes confere maior poder de barganha. Beverly Silver divide este poder “estrutural” em dois tipos: *poder de barganha de mercado*, “que ‘resulta diretamente de mercados de trabalho restritos”, e *poder de barganha no local de trabalho*, “que advém ‘da localização estratégica de um certo grupo de trabalhadores num setor industrial-chave” (p. 29).

O poder de barganha de mercado assume diversas *formas*, entre elas “(1) a posse de habilidades escassas em alta demanda por empregadores, (2) níveis baixo de desemprego geral e (3) a capacidade dos trabalhadores para sair do mercado e sobreviver de fontes de renda que não o salário” (p. 29). O poder de barganha no local de trabalho “é conferido a trabalhadores envolvidos em processos produtivos bem integrados, nos quais uma paralisação num ponto essencial é capaz de causar perturbações numa escala muito mais ampla do que a própria paralisação” (p. 29).

Já os capitalistas, com base nos dados do WLG, tendem a adotar as seguintes soluções para se contrapor a tais fontes de poder: *solução espacial*, mudando de país ou de região dentro do mesmo país, *solução de produto*, mudando de ramo de produção, *solução tecnológica/organizacional*, mediante a automação, reestruturação produtiva etc. ou *solução financeira*, através da fuga do capital do setor produtivo para o setor financeiro. Toda a base de conceitos operacionais do livro concentra-se nestas formas simples e concretas de conflito entre trabalhadores e capitalistas.

A partir de tantos cuidados na preparação de uma base de dados ampla e confiável, o que se segue é uma exposição “em camadas” dos resultados encontrados na base de dados do WLG. A partir da base conceitual adotada pela autora somos levados a analisar, dentro de uma longa perspectiva histórica e de uma ampla perspectiva geográfica, a agitação trabalhista em nível mundial. O capítulo 2 nos apresenta as diversas *soluções espaciais* implantadas no setor industrial tido por ela como o mais importante do século XX, a indústria automobilística: migração do capital do setor automobilístico dos Estados Unidos para a Europa, desta última para a América Latina e África do Sul, daí para o Leste Asiático etc.

O capítulo 3 é dedicado à *solução de produto* adotada na migração do capital da indústria têxtil (o setor industrial mais importante do século XIX, segundo Silver) para a indústria automobilística, e aponta alguns possíveis sucessores desta última (supercondutores, educação, serviços, transporte etc.), tanto quanto um cenário possível para o acirramento da luta de classes no século XXI: a China. Não se trata de *predições*, de *afirmações peremptórias* quanto a um futuro certo, mas de *possibilidades*, de *tendências possíveis* num futuro tido como incerto, mas vistas segundo o pressuposto aberto pelos movimentos

históricos do capital: “para onde o capital vai, o conflito vai atrás”.

Por sua vez, o capítulo 4 insere estes movimentos dinâmicos da luta de classes dentro da política mundial, estabelecendo uma relação entre *desenvolvimento capitalista e guerra*. A estrutura de **Forças do trabalho** nos remete a níveis progressivos de complexidade de análise da luta de classes num período histórico e com uma abrangência geográfica amplos o suficiente para que tenhamos dados empíricos suficientes para subsidiar um entendimento profundo da dinâmica do capitalismo em diversos períodos históricos.

Mas seu mérito não termina em seu conteúdo. Além de ser um excelente livro de sociologia do trabalho, como já foi dito, **Forças do trabalho** é, como também o afirmamos, um manifesto político e uma provocação aos intelectuais e acadêmicos ligados aos movimentos sociais. Em que sentido? Ele tem pelo menos “panos de fundo” igualmente importantes. Em primeiro lugar, o extremo rigor metodológico (até a metodologia de construção das tabelas analíticas da agitação “trabalhista” é exposta em todos os detalhes) transparece um esforço em usar as armas do capital contra ele mesmo; no caso desta obra, a ciência acadêmica. Para a ciência tradicional, que não cessa de acusar estudos científicos anticapitalistas de parcialidade, ideologismo, anticientificismo e ausência de falseabilidade, **Forças de trabalho** é um tapa na cara, pois a mesma metodologia da ciência tradicional foi usada em todos os momentos, quase obsessivamente, e demonstrou o que considerava quase indemonstrável.

**Forças do trabalho** coloca para os pesquisadores acadêmicos o desafio de retornar à humilde, desgastante, porém efficacíssima prática, de aliar ao fastidioso debate entre teses acadêmicas e à *communis opinio doctoris* a observação empírica rigorosa. As diversas observações sobre as insuficiências da base de dados do WLG recorrentes por todo o livro, e concentradas especialmente nos *Apêndices*, são quase um apelo para que ele não se torne mais um livro a ser apenas lido, comentado com furor e devolvido às estantes das bibliotecas, mas que seja o primeiro passo para estudos semelhantes em âmbito geográfico mais restrito. Convidam a que a base de dados do WLG não seja usada apenas como capital científico, mas permanentemente atualizada e desenvolvida, para que se converta numa arma na luta anticapitalista.

Outro aspecto importante desta obra é seu pano de fundo político. Nela, Silver chega a conclusões muito próximas àquelas de uma corrente marginal do marxismo rotulada, a depender do autor ou coletivo de autores enfocado, como “marxismo autonomista”, “operaísmo”, “marxismo aberto”, “escola da composição de classe”, “marxismo heterodoxo”, “marxismo das relações de produção” etc., que nos últimos anos tem retornado aos debates acadêmicos e volta a influenciar movimentos sociais, seja através da obra de Antonio Negri, João Bernardo, Sergio Bologna, Maurício Tragtenberg, Mario Tronti e outros, seja através da ação de grupos direta ou indiretamente influenciados por ela, como a rede mundial de movimentos sociais Ação Global dos Povos, os centros sociais ocupados da Itália, os diversos coletivos de base da extrema-esquerda europeia baseados na metodologia da “composição de

classe”, vários movimentos *piqueteros* argentinos, entre outros. Beverly Silver reconheceu, em entrevista, ter diversas críticas à vertente italiana desta corrente, em especial a seus representantes mais “filosóficos” como Mario Tronti e Antonio Negri, mas considera-se próxima a outros mais “teóricos e empíricos”, como Sergio Bologna e Romano Alquati. A hipótese de fundo do livro remete diretamente à virada copernicana de Mario Tronti em **Operários e capital** (Porto, Afrontamento, 1976), que Silver conhece e cita na bibliografia: a de que *o desenvolvimento do capital é em grande parte uma resposta dos capitalistas à luta dos trabalhadores, e não um desenvolvimento “autônomo”, independente da luta de classes, ou sobre o qual esta última teria cada vez menor influência*. Esta tese é explícita no livro e a autora a assume publicamente, mas o desenvolvimento dos argumentos de **Forças do trabalho** nos leva diretamente a outra tese trontiana, não tão evidente: a de que *as maiores possibilidades de sucesso dos trabalhadores não estão no “elo mais fraco” do capital, como ensina a tese leninista clássica, mas sim onde o capital está mais forte*. Quando Beverly Silver aponta possibilidades de novas ondas de agitação “trabalhista” em setores para os quais o capital está em processo de deslocamento, como serviços, transportes ou educação, ou em lugares para onde o capital tem sido deslocado, como a China, é com esta tese que se relaciona.

O pano de fundo político de **Forças do Trabalho** fica ainda mais explícito quando Silver passa a discutir o que ela mesma chama de “novo internacionalismo”, o único momento onde transparecem as intenções por trás do livro, em especial em suas últimas palavras. Os dados do WLG apontam a correlação existente entre a extrema mobilidade do capital em busca de lucro e o papel das lutas dos trabalhadores pelo mundo inteiro. A necessidade de internacionalização das lutas dos trabalhadores contra o capital como pré-requisito para seu sucesso fica evidente, mas o próprio desenvolvimento da luta de classes em nível global coloca um problema: não raro, quando o capital ameaça mover-se – tal como se viu na mais recente greve da Volkswagen em São Bernardo do Campo (SP) –, a luta dos trabalhadores passa a ser pela manutenção do capital no mesmo lugar.

De forma semelhante, quando os trabalhadores migram para onde o capital está se estabilizando, os trabalhadores locais tendem a barrar a chegada destes novos trabalhadores migrantes – como a autora demonstra estar acontecendo nas zonas urbanas da China –, a buscar medidas protetivas de seus próprios postos de trabalho ou mesmo a manter-se inertes diante da exclusão destes trabalhadores da rede de proteção social complementar a estes mesmos postos – com resultados já conhecidos através das cada vez mais freqüentes rebeliões de migrantes na Europa.

Beverly Silver coloca a questão: o desenvolvimento da agitação “trabalhista”, tal como se vê através de manifestações simultâneas, solidariedade internacional e outros expedientes, conduzirá a um “novo internacionalismo”? Ela não dá respostas. Fiel a seu compromisso de ater-se aos dados empíricos para desvelar as tendências do desenvolvimento capitalista e da luta de classes em 120 anos, prefere deixar a questão em aberto. Nas entrelinhas, respondeu como João Bernardo há dezesseis anos, em **Economia dos**

**conflitos sociais** (São Paulo, Cortez, 1991), um livro de intenção semelhante: “Não foi uma crítica de teorias (...) que neste livro pretendi elaborar, mas um quadro de referência que permitisse concentrar a atenção nos fenômenos que julgo irão marcar o futuro do capitalismo. E, para este fim, não pode recomendar-se melhor fonte do que a leitura dos jornais e revistas, a participação ativa nos conflitos do nosso tempo – em suma, andar na rua”.

---

\* *Manoel Nascimento* é assessor da Equipe Urbana do Centro de Estudos e Ação Social (CEAS) e membro da Equipe Editorial dos **Cadernos do CEAS**.  
[manoelnascimento@gmail.com]